

POR UMA EDUCAÇÃO MUSICAL MENOR

Michelle CAVALCANTI¹, Eduardo PACHECO²,

¹Prefeitura Municipal de Porto Alegre – SMED; ²Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)
michellecavalcant@yahoo.com.br; edupandeiro@gmail.com

Resumo

Inspirada pelo pensamento da diferença, este recorte da pesquisa em andamento fabula a possibilidade de uma educação musical menor no contexto de uma escola pública de ensino fundamental. Operando por desvios, escolhe ver usando lentes pensamentais de Gilles Deleuze e Felix Guattari num diálogo entre o conceito de Menor proposto em Kafka, por uma literatura menor, e a experiência composicional realizada com um grupo de música de uma escola municipal da prefeitura de Porto Alegre, envolvendo crianças e adolescentes. Nesta proposta de articulação conceitual, a educação musical foi pensada como uma possibilidade de transgressão e de resistência. Resistência que é entendida como o movimento de pensar uma música-educação que considere as próprias impossibilidades. Transgressão para inventar caminhos, tendo na criação uma potência contra o poder aprisionador das estruturas maiores da máquina de estado, gerando movimentos de singularização, coletividade e pertencimento.

INTRODUÇÃO

Pensar a educação musical no contexto escolar é confrontar maneiras de se relacionar com o som. Uma das primeiras coisas que aprendemos na escola é sobre o emudecimento, sobre a urgência de controle e, assim, somos ensurdecidos para um infindável de sons que povoam a sua e outras paisagens sonoras.

Atuo há 9 anos como professora de música em uma escola pública, situada na periferia de Porto Alegre. Em 2015 iniciei um projeto de educação musical, num trabalho voltado para a experimentação, prática instrumental e construção musical coletiva. Em 2019 a nova gestão municipal ceifou vários projetos culturais das escolas. Nosso projeto resistiu atendendo a 70 crianças no turno inverso, no entanto teve sua carga horária diminuída. Permanecemos: sem garantias, sem condições e sem recursos.

Utilizando as lentes do conceito nietzschiano de eterno retorno como força de criação, destruição e produção, este trabalho, que teve como objetivo discutir a resistência da educação musical no contexto escolar ao pensar sobre a possibilidade de uma educação musical menor no contexto de uma escola pública de ensino fundamental, quis fabular a resistência na educação, fabricando ideias num salto rumo ao universo provocativo, através do qual Deleuze & Guattari (2003) nos convidam a pensar, a criar.

O conceito de menor trazido por Deleuze & Guattari na obra *Kafka: por uma literatura menor* (2003), reflete sobre a situação de um escritor judeu-tcheco que, impedido de utilizar sua própria língua, fabrica um caminho diante da impossibilidade de não escrever. “A literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE & GUATTARI, 2003, p.38). Algo que, na literatura, se impôs como condição revolucionária de sobrevivência ante as imposições de uma linguagem maior, esmagadora, com regras fixas e imutáveis. Portanto, o menor aqui não trata sobre algo de menor importância, mas algo que uma minoria constrói num contexto maior, ou seja, uma luta inevitável, uma construção em busca de resistência, de potência de vida.

Silvio Gallo (2008) ao pensar a educação menor afirma que a resistência investe no confronto com planos fechados, verdades verdadeiras e com os definitivos da máquina de controle. Resistir é não compactuar com tudo o que nos torna apenas mais uma engrenagem da máquina, é erguer processos de singularização.

As políticas, os parâmetros, as diretrizes da educação maior estão sempre a nos dizer o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, por que ensinar. A educação maior procura

construir-se como uma imensa máquina de controle, uma máquina de subjetivação, de produção de indivíduos em série. (GALLO, 2008, p.65).

Numa perspectiva política o autor propõe o fazer da educação menor um aparelhamento da resistência, uma máquina de guerra, força contrária à máquina de estado, promovendo vislumbres aqui erguidos através da singularização da criação coletiva de um grupo de música de uma escola de ensino fundamental.

POR UMA EDUCAÇÃO MUSICAL MENOR

A música, subjugada pelos fios da educação maior, é servida ao exercício de funções na escola. A educação maior quer afastar da música na escola aquilo que é seu potencial transgressor e que faz agitar feras, seu potencial para a criação. A educação musical menor quer as feras revolucionadas em seu potencial de experimentação, de criação, de transgressão e de liberdade. Esta proposta ao pensar a educação musical menor através do pensamento da diferença, se amasia à ideia de (des)educar, pois entende que música

...não é ordenar. Música é criar. Criar é pensar. O músico que cria pensa. Quem pensa música compõe. Quando a música soa em função da ação produzida pelos movimentos do tambor e faz o corpo de quem toca ouvir o frio do inverno, penso que a música não procura ordem, ela quer (Des)educar. (PACHECO, 2011, p. 80).

Aqui, ao singularizar a caminhada de um grupo escolar de educação musical no ensino fundamental, falamos da música que resiste na escola, que foge à ordem proposta pela educação maior, buscando por linhas de fuga, construir novos caminhos. Esta pesquisa que se dedicou a pensar a música, quis compor para pensar a vida, quis inventar formas de viver e de pensar a vida na escola. Ao modo de Cage, quis fazer música que não seja tanto arte quanto vida, de forma que, todos que a fazem, logo que terminam uma, já comecem a fazer outra (CAGE, 2013, p.101).

Na educação musical menor, pensar, compor, criar em música é parte da busca por uma educação empenhada em atribuir forças musicais aos espaços educacionais através da criação de outras possibilidades de existência através da força contida na experiência.

Nessa composição não interessam apenas vozes afinadíssimas, interessa a música como parte da vida, interessam os ouvidos impossíveis, que permitem que a música, ao tornar audíveis forças não sonoras, promova uma viagem ao centro do som (FERRAZ, 2010, p. 71). Interessa em música a ideia de “pôr em causa várias noções que pareciam ser as mais inseparáveis” (BOULEZ, 1958, p. 139). Não há trastejado, não há tempo torto, ritmo desajustado, acento deslocado, instrumento inadequado, enfim, não há invenção que seja indesejável ao bloco de sensações da composição na educação musical menor.

A composição musical aqui defendida, também é coletiva e mobiliza, no devir-compositor de cada participante, as forças do ritornelo enquanto um desejo de pensar a educação musical menor. Ritornelo na concepção de Deleuze e Guattari é o conteúdo propriamente musical é

...um meio de impedir, de conjurar a música ou de poder ficar sem ela. Mas a música existe porque o ritornelo existe também, porque a música toma, apodera-se do ritornelo como conteúdo numa forma de expressão, por que faz bloco com ele para arrastá-lo para outro lugar. (DELEUZE e GUATTARI, 2017, p. 106).

A ideia de uma educação musical menor é um embaralhar na multiplicidade vidas e obras através da singularidade de um grupo de educação musical posto em movimento, na música o start da composição, o gozo de inventar. Musicar. Compor. Resistência. Matilha.

Artes de ser. Territorializar-desterritorializar-reterritorializar. Rendilha da multiplicidade. Partituras do inventar. Escritos do existir. Ritornelos. Devir. Viver.

ESCULPIR DO SOM

Compor um caminho com os participantes deste grupo é pensar possibilidades de experiência musical coletiva através do contágio de criação, do atrito pensamental, do confronto de invenções. Para pensar a possibilidade de uma educação musical menor junto a esse grupo, esta pesquisa propôs zonas de contágio através da obra de alguns compositores. Zonas a serem experimentadas, pela vontade de perguntar; perguntas para pôr em xeque estratificações. Composição aqui entendida como fragmento de poética musical coletiva em perpétua metamorfose. O que se propôs foi uma estratégia, de aprendizagem e de exercício da coletividade na relação com os sons, uma estratégia de composição.

A pretensão desta prática foi a de mobilizar a multiplicidade do ritornelo presente em cada uma de suas etapas, que, num rizoma, se interferem, se mesclam, se conversam de forma constante, não havendo fluxo natural, único. A prática musical, foi semiestruturada em cinco etapas cambiantes e intercambiantes, intercorrentes, inferentes e rizomatizadas.

O grupo foi convidado para a experiência com sons, para compor junto, em conjunto, numa troca de ideias musicais, a serem defendidas e argumentadas. Num conjunto de oito encontros, de duas horas cada, o grupo composto por 28 alunos valeu-se de artimanhas diversas para aparelhar sua resistência sonora dentro do ambiente escolar. Foram propulsoras algumas criações de Tom Zé (2003), como as do CD “Com defeito de fabricação” um disco conceitual no qual associa a população mal alfabetizada e sem possibilidades para o trabalho do terceiro mundo, a androides robotizados. Mas que estes, embora convenientes para o sistema, para o pensamento maior, apresentam certos defeitos perigosos defeitos: a criação e o pensamento.

Identificar os elementos da máquina, pertencer ao grupo de música, precisar resistir, conviver, criar junto como força, inventar soluções ante a ausência de instrumentos, foram elementos fundamentais na busca por entender o que esta música que produzimos nos pergunta.

No caso da literatura menor, a língua era o impedimento para que Kafka escrevesse e foi urgente e necessário que criasse uma forma, uma saída. Sua escrita expressou sua resistência, a invenção de um caminho diante de sua impossibilidade. No caso do grupo de música, tais experiências serviram também para compor o questionamento sobre quais as nossas impossibilidades enquanto criadores, enquanto coletivo-criação-música? E para tentar “resistir como o cão que cava um buraco” (DELEUZE & GUATTARI, 2003, p.41.), num caminho de entradas diversas, inesperadas e imprevistas, buscar entender o que essa música nos pergunta para provocarmos uma ideia de resistência.

No compor coletivo, que se iniciou caótico, apontando para vários lugares como um grande bolo de sons, como uma massa sonora informe, foram se desenhando caminhos. As escolhas foram dialogadas, nem sempre através da palavra, nem sempre foram consensuais, nem sempre foram escolhas a repetir. Os caminhos não foram sempre os mesmos a cada execução. Nossa música começou numa conversa com a realidade local, tomando por inspiração exercícios que evocavam a paisagem sonora (SCHAFER, 2011) e assumindo em seguida características outras advindas dos próprios diálogos musicais dos membros do grupo.

Num jogo de intensidade e caos, com momentos controversos e divergentes, como os momentos de um dia, a música foi composta.

CONCLUSÃO

A construção de um pensamento de resistência, de uma educação musical menor através do processo composicional, evocando uma potência de matilha produziu discussão e pensamento ao questionar o que podemos nós produtores de cultura escolar, subordinados aos regramentos de uma estrutura maior, enquanto criadores. Identificar os agentes dessa máquina de controle do estado que dita regras, que molda formas únicas de conviver no espaço escolar, que estabelece destinos como se fossem inevitáveis e que quer impor caminhos como se fossem os únicos, foi de vital importância para a produção sonora do grupo. Experimentar a composição musical a partir da provocação sobre algumas de nossas impossibilidades foi desafiador, causador de muitos conflitos que culminaram com a música composta pelo grupo que carece ainda de análise.

REFERÊNCIAS

CAGE, John. *De segunda a um ano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

BOULEZ, Pierre. *A Música Hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim Editora, 2003.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4*. São Paulo: Ed 34, 2012.

FERRAZ, Silvío. *O livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição] - um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

GALLO, Silvío. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PACHECO, Eduardo Guedes. *Por uma (Des)educação musical*. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação/UFRGS: 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 2011.

ZÉ, Tom. *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha, 2003.